

Destrutividade, sobrevivência, subjetivação: a agressividade como potência de destruição criativa em Winnicott

*Destructiveness, survival, subjectivation: aggressiveness as a power of
creative destruction in Winnicott*

Carlos Augusto de Oliveira Peixoto Junior¹

Resumo: Em Winnicott, a agressividade é, antes de tudo, sinônimo de atividade e movimento. Recusando-se a interpretar sua emergência em termos essencialistas e deterministas, o autor pressupõe que, mediante a presença de um ambiente facilitador, a agressividade própria à natureza humana pode ser desenvolvida de maneira saudável, transformando-se em uma experiência mais integrada. Ao longo do presente artigo, esse processo possibilita a transformação da relação com o objeto em uso do objeto é investigado. Busca-se ainda pensar a maneira pela qual uma composição entre os aspectos da vivência subjetiva e da percepção objetiva do objeto tornam-se possíveis através da destruição criativa. Por fim, é mostrado, a partir do advento da capacidade de concernimento - fruto da capacidade de sobrevivência do objeto destruído - como se estabelece um contato mais consistente com a realidade externa, o qual leva ao pleno reconhecimento da alteridade.

Palavras-chave: agressividade; destrutividade; sobrevivência; subjetivação; criação.

Abstract: *In Winnicott, aggressiveness is, in first place, synonymous with activity and movement. Refusing to interpret its emergence in essentialist and deterministic terms, the author assumes that, through in the presence of a facilitating environment, proper human nature aggressiveness can develop in a healthy way, becoming a more integrated experience. Throughout this article, it is intended to investigate how this process enables the transformation of the relationship with the object in a use of the object, also seeking to think how a composition between the aspects of subjective experience and objective perception of the object become possible through creative destruction. It also aims to show how, from the advent of the capacity for concern - which results from the survival capacity of the destroyed object - a more consistent contact with external reality is established, which leads to the full recognition of otherness.*

Keywords: *aggressiveness; destructiveness; survival; subjectivation; creation.*

¹Mestrado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1990 e o Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1997. Atualmente é Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atua nas áreas de Psicologia e Psicanálise com ênfase na interação da teoria com a clínica do ponto de vista relacional-objetal

1. Introdução

Existe alguma possibilidade de abordar a agressividade e a destrutividade inerentes à natureza humana a partir de uma perspectiva psicanalítica que dê a elas uma positividade criativa? Certamente sim. Mas, para isso seria preciso situá-la em um contexto no qual predomina a relação com o outro e com o ambiente, no qual esta relação tenha como propósito afirmar a potência de ser criativo ao fazer com que o indivíduo se sinta real desde os primórdios de seu processo de subjetivação. Mais ainda, para que a destrutividade possa realmente ser fonte de criação de um novo modo de estar no mundo e manter contato com a realidade, por exemplo, é necessário que o objeto ao qual ela se dirige tenha a capacidade de acolhê-la e sobreviver a ela. E para delimitar melhor este contexto, a partir de uma outra visão teórica e clínica sobre os processos de subjetivação, foi preciso repensar e reformular determinados parâmetros que prevaleceram na abordagem psicanalítica durante décadas desde que ela foi inventada por Freud.

Ao nosso ver, isto começa a ocorrer de forma mais consistente no final dos anos 1930, a partir da obra de Donald Winnicott. Sem sombra de dúvida, ele foi o primeiro e talvez o único psicanalista em sua época a ter um olhar completamente diferente da tradição no que se refere à agressividade, considerando-a em toda sua positividade no processo de maturação do indivíduo — etapa fundamental a ser consentida e vivida pelo ser humano como parte de sua vitalidade criativa. É através dessa vitalidade, pensava Winnicott, que o bebê começa progressivamente a se separar do ambiente meramente subjetivo reconhecendo sua externalidade, ou seja, o princípio de realidade.

Do seu ponto de vista, a agressividade é inerente à natureza humana e, portanto, inata. Não num sentido propriamente constitucional, biológico ou psíquico, mas na medida de um pertencimento ao estar vivo. Natural nos seres humanos, ela não tem uma única raiz nem significado unívoco, mas comporta múltiplas naturezas e diferentes formas de manifestação. Embora inerente, só se desenvolverá tornando-se parte do indivíduo se lhe for dada a oportunidade de experienciá-la de acordo com suas próprias necessidades no processo de amadurecimento. É a atitude do ambiente com relação à agressividade da criança desde cedo que influenciará de maneira decisiva o modo como ela irá lidar com a tendência agressiva que faz parte da sua natureza.

Se o ambiente fornece os cuidados satisfatórios e se mostra capaz de reconhecer, aceitar e integrar essa manifestação do ser humano, a fonte de agressividade – que no

início, como veremos, é motilidade e parte do apetite – torna-se integrada à personalidade total do indivíduo e será um elemento central em sua capacidade de relacionar-se com outros, brincar e trabalhar. Se não for integrada, a agressividade terá que ser escondida ou cindida e pode resultar em comportamento antissocial, violência ou compulsão à destruição.

Na perspectiva de Freud o perigo para a vida social advinha da maldade original do homem, portador da pulsão de destruição, no entanto, para Winnicott a ameaça nasce da repressão não apenas da agressividade como de tudo aquilo que é espontâneo e criativo no humano. Ele não ignora a existência do ódio e da agressão, mas se nega a aceitar o pressuposto da pulsão de morte que faz deles característica imodificável da essência humana. Assim, considera imprescindível levar em conta as condições históricas concretas sob as quais a agressividade e o ódio surgem nos processos de subjetivação e na vida coletiva. Isto é, pensa ser indispensável atentar para a participação do ambiente nesse processo. Em termos um pouco mais abstratos, Winnicott recusa-se a interpretar a emergência da agressão e do ódio em um quadro teórico organizado por pressupostos essencialistas e deterministas, sustentando a necessidade de estudar e compreender a participação ambiental.

2. A agressividade e o amor impiedoso primitivo

No seu primeiro artigo sobre o tema, *A agressão e suas raízes*, de 1939, a concepção de Winnicott diverge das teorias de Freud e Klein. Com relação ao primeiro, a discordância reside no fato de este situar as raízes da agressividade nas reações às inevitáveis frustrações provenientes do contato com o princípio de realidade. Para Winnicott, essa agressividade relativa à frustração pressupõe um alto grau de amadurecimento, inconcebível nos momentos mais primitivos da subjetivação. No que diz respeito à teoria kleiniana os motivos tem que ver com o fato de que, nela, a agressividade, que se expressa como inveja, ódio ou sadismo, é sempre uma manifestação da pulsão de morte, pensada como um elemento constitucional do indivíduo, variando de intensidade. Já do ponto de vista winnicottiano, a agressividade que alguns bebês manifestam desde o início do processo de subjetivação nunca é exclusivamente derivada da emergência de instintos agressivos primitivos.

A fonte desta agressividade primária é basicamente a excitação com a qual a criança não sabe ainda o que fazer no início da vida. Se é verdade que o bebê traz cosingo

uma potência de destruição bastante significativa, ele também terá uma notável capacidade para proteger o que ama de sua própria destrutividade caso tudo corra bem na sua trajetória de subjetivação. A principal destruição, afirma Winnicott, deve existir sempre e necessariamente no domínio da fantasia. Embora essa agressividade instintiva se torne em breve algo que pode ser mobilizado a serviço do ódio, originalmente ela é parte de alguma outra forma de amor instintivo. “Talvez a palavra voracidade expresse melhor do que qualquer outra a ideia de fusão original de amor e agressão, embora o amor neste caso esteja confinado ao amor-boca” (Winnicott, 1939/2002a, p. 97)

Existe, portanto, uma voracidade que o psicanalista britânico chama de teórica ou amor-apetite primário que pode ser cruel, dolorosa, perigosa, mas apenas por acaso. O objetivo do bebê é apenas a satisfação, a paz de corpo e espírito. Amadurecendo, ele se torna mais potente e integrado no corpo e precisa cada vez mais experimentar sua força e haver-se com sua crescente capacidade de reconhecer acontecimentos e objetos. Como durante os estágios mais primitivos o bebê permanece incompadecido, ele continua a manifestar, sem preocupação, e cada vez com mais força e ousadia, os sinais da sua necessidade nos momentos de excitação. Segundo Jan Abram,

Winnicott aposta no que chamou de *self cruel primitivo*. Esta crueldade se dá antes mesmo de o bebê ser capaz de sentir-se preocupado. Assim o *self cruel* antecede o *self implicado*. Mas o *self* com capacidade para a preocupação (*self concerned*) – ou a capacidade de sentir-se preocupado – depende, para o seu desenvolvimento, que o *self cruel* permita sua expressão (Abram, 1996/2000, p. 9).

A *agressão primária* e a *crueldade* são, portanto, diferentes aspectos de um tipo de destrutividade primária que, no caso de o objeto/ambiente sobreviverem a ela, conforme veremos adiante, tornará o sujeito capaz de encarar o mundo real da forma com que ele realmente se apresenta.

A ausência de alteridade nessa fase primitiva do amadurecimento emocional faz com que o bebê não se sinta responsável pela consequência de seus propósitos com esse amor primário impiedoso. Há, pois, um aspecto destrutivo no amor primitivo, mas no bebê ainda não integrado não há intenção de destruir. Nesse momento do processo de subjetivação, mesmo estando o bebê ainda na situação de dependência absoluta, é preciso que o ambiente externo se insinue na sua experiência. Isto, porque, se a experiência instintual fosse completa e sem obstáculos, ocorreria a frustração da motilidade que deriva da raiz motora. A satisfação da motilidade requer encontrar algo de oposição, sem o qual

ela se frustra. Voltaremos a isto logo adiante. Por ora, cabe destacar desde já que, se a agressividade for perdida no estágio inicial da vida emocional, o bebê perderá uma parte importante de sua potência de vida, de sua capacidade de amar e de se relacionar com os objetos.

Postulando, portanto, a existência deste relacionamento objetal inicialmente impetuoso e sem compaixão, Winnicott ressalta que

ninguém consegue ser impiedoso depois da fase do concernimento, a não ser em estados dissociados. Mas os estados de ausência de compaixão dissociada são comuns no início da infância, e emergem em certos tipos de delinquência e de loucura, e precisam estar disponíveis na saúde (Winnicott, 1945/2000, p. 230).

A criança comum tem prazer na relação impiedosa com a mãe, geralmente através de brincadeiras, e precisa da mãe porque ela é a única de quem se pode esperar um grau de tolerância razoável para tamanha ausência de consideração, mesmo por brincadeira. Se não lhe for dada a oportunidade de brincar sem compaixão, a criança terá que esconder o seu eu impiedoso e dar-lhe vida apenas em estados dissociados.

Tão cedo quanto possa ocorrer a integração, e talvez ela aconteça antes num auge de excitação ou raiva, diz Winnicott, há um estágio teoricamente anterior, no qual o que quer que o bebê faça que possa machucar não é feito a partir do ódio. “Utilizei a expressão amor impiedoso para descrever esse estágio. À medida que o bebê se torna capaz de se sentir uma pessoa inteira, o termo *ódio* passa a ter sentido para descrever um certo conjunto de sentimentos” (Winnicott, 1947/2000, p. 285). A mãe deve ser capaz de tolerar o sentimento de ódio que ela experimenta contra o bebê sem fazer nada a esse respeito e sem expressá-lo para ele. Além disso, ela não pode temer a sua própria reação, pois, nesse caso, ela não conseguirá odiar adequadamente quando machucada. O aspecto mais notável a este respeito, numa perspectiva winnicottiana, é a capacidade que a mãe tem de ser tão agredida e sentir tanto ódio por seu bebê sem vingar-se dele, assim como sua aptidão para esperar por recompensas que podem ou não vir bem mais tarde. Mas ela só será realmente recompensada quando alguma capacidade para o concernimento vier a se instaurar na vida emocional da criança.

3. Amor primitivo, movimento/oposição, culpa/concernimento

Outro ponto importante e bastante original na abordagem de Winnicott a propósito da agressividade é a sua relação com a questão do movimento. A motilidade constitui,

para o psicanalista britânico, uma das expressões mais elementares da agressividade. Presente desde a vida fetal, ela sustenta a emergência da potência agressiva quando a estabilização do processo de integração unifica o que até então se manifestava como *funções parciais*. Ela está presente na dinâmica do movimento erótico de relacionar-se com o outro, de início ainda não reconhecido como tal e, como vimos, não contém nem exprime ódio. O que não impede a intenção de *devorar* o seio da mãe, de veicular a característica destrutiva do amor primitivo. Para Winnicott:

No início agressividade é sempre movimento, antes mesmo do nascimento já são observadas movimentações intrauterinas (pontapés) [...] uma parte da criança se movimenta e dá de encontro com algo. Nesses casos muito iniciais não temos propriamente golpes porque ainda não há uma pessoa com intenções. [...] O que há sempre são tendências ao movimento, no sentido de obter algum prazer muscular, as quais se deparam com obstáculos. [...] O mais importante é que essas primeiras pancadas vão levando à descoberta de um mundo Não-Eu e à relação com objetos. [...] O que virá a ser propriamente um comportamento agressivo não passa no início de um simples impulso que desencadeia movimento constituindo os primeiros passos de uma exploração do ambiente (Winnicott, 1968a/1982, p. 263-264).

Uma porção significativa do potencial de motilidade do bebê se funde com o erotismo, mas outra porção ficará disponível para objetivos puramente motores. São estes últimos que requerem uma certa oposição do ambiente para poderem satisfazer as necessidades do bebê. Convém então distinguir com clareza o quantum de motilidade fusionada com o erotismo do restante dela. Segundo Carlos Plastino, “a motilidade fusionada com o erotismo mobiliza gestos espontâneos do bebê e encontra satisfação na gratificação instintiva. Mas a motilidade não fusionada remanescente precisa encontrar oposição” (Plastino, 2014, p.86).

Em condições normais, grande parte da motilidade é despendida nas experiências instintivas. A oposição é necessária para dar realidade ao impulso e o que se costuma chamar de *potencial agressivo* de um bebê depende da quantidade de oposição até então encontrada. No contato com o objeto que resiste e se opõe, o bebê transforma gradualmente a sua potência vital em capacidade para a agressão. A questão fundamental neste caso é a oferta da quantidade adequada de oposição, já que o excesso inibe o impulso e impede que a motilidade se funde à experiência instintiva, tal como deve ocorrer em casos saudáveis. Isto favorece a elaboração imaginativa das funções corporais e, conseqüentemente, a tarefa de alojamento da psique no corpo, a personalização, é facilitada. O sentido de real, diz Winnicott, em 1950, se origina especialmente das raízes

motoras e sensoriais correspondentes. Quando, nas experiências instintuais, há uma fraca infusão do elemento motor, estas não fortalecem o sentido de realidade ou de existir.

Portanto, antes mesmo da integração da personalidade a agressividade já está em ação, vinculada à motilidade, e faz parte da expressão primitiva de amor em termos de oralidade. Neste momento do processo de subjetivação, caracterizado pela ausência de concernimento, pode-se dizer que a criança existe como uma pessoa e tem propósitos, mas ainda não considera importante o fato de que o que ela destrói quando excitada é a mesma coisa que valoriza nos intervalos mais calmos entre as excitações. Seu amor excitado inclui um ataque imaginário ao corpo da mãe. No estágio do concernimento, que traz com ele a capacidade para a culpa, a integração do ego já alcançou um grau em que a criança pode perceber melhor a personalidade da figura materna, o que tem como consequência alguma dose de consideração por parte dela quanto ao resultado de suas experiências instintivas, tanto físicas quanto psíquicas.

Nos estágios iniciais do amadurecimento, quando o eu e o não-eu estão se constituindo, o componente agressivo é aquele que, em geral, conduz o indivíduo rumo a um objeto ou a um não-eu que ele sentirá como externos. De acordo com Winnicott,

a experiência erótica pode ser completada por qualquer coisa que alivie o impulso instintivo erótico [...] por outro lado, os impulsos agressivos não proporcionam nenhuma experiência satisfatória a não ser que encontrem oposição. A oposição deve originar-se no ambiente, no não-eu que gradualmente vai se distinguindo do eu (Winnicott, 1950-1955/2000, p. 301).

O potencial de força vital de um feto, afirma Winnicott, é mais ou menos o mesmo, tal qual o potencial erótico do bebê. A complicação reside, como dizíamos, em que a quantidade do potencial agressivo depende da quantidade de oposição com a qual ele se depara, ou seja, a oposição afeta a conversão da força vital em potencial de agressividade. Mais do que isso, o excesso de oposição tende a criar complicações que podem tornar impossível a fusão do potencial agressivo com o erótico.

Os impulsos levam à descoberta de que existe um ambiente, sendo que este equivale à oposição encontrada pelo movimento e sentida no seu exercício. A consequência, neste caso, é o reconhecimento primitivo de um mundo Não-eu e a instauração incipiente do eu. Vale lembrar que, na prática, estas coisas acontecem gradualmente, indo e vindo repetidamente, sendo alcançadas e perdidas em seguida. Existe uma certa confusão, constata o nosso autor,

quando empregamos o termo agressividade para designar espontaneidade. O gesto impulsivo volta-se para fora e torna-se agressivo quando encontra oposição. Há realidade nessa experiência, e ela funde-se facilmente às experiências eróticas que aguardam o recém-nascido. [...] É esta impulsividade e a agressividade que dela deriva que levam o bebê a necessitar de um objeto externo, e não apenas de um objeto que o satisfaça (Winnicott, 1950-55/2000, p. 304).

A motilidade, portanto, é uma característica do ser vivo e, como mostrou Winnicott, precede a agressividade, termo que vai fazendo mais sentido para a criança à medida que o processo de subjetivação se desenrola. São casos particulares desse movimento quase agressivo o ato de agarrar e a atividade de sugar que depois se transforma em morder. Na criança sadia, conforme vimos, grande parte deste potencial de agressividade funde-se às experiências instintivas e ao padrão dos relacionamentos mais primitivos. Mas, esse desenvolvimento só ocorre caso certas condições ambientais suficientemente boas estejam presentes. Neste contexto, surgem a culpa e a consideração.

Em algum momento da segunda metade do primeiro ano de vida da criança normal, essa começa a demonstrar certa capacidade de se preocupar, certa habilidade de ter sentimento de culpa. Trata-se aqui de um estado de coisas altamente complexo que depende da integração da personalidade infantil em uma unidade e está vinculado à aceitação, por parte da criança, da responsabilidade por toda a fantasia sobre o que pertence ao momento instintivo. A presença contínua da mãe é pré-condição necessária a essa realização altamente sofisticada, e a atitude da mãe deve comportar um elemento de estar atenta a ver e aceitar os esforços imaturos feitos pela criança no sentido de contribuir, isto é, cabe à mãe reparar, amar construtivamente (Winnicott, 1958b/2000, p. 18).

Como vimos, o impulso de amor primitivo opera num estágio em que o ego está apenas começando a amadurecer, ou seja, quando a integração ainda não é um fato estabelecido, período em que também não é possível a aceitação da responsabilidade. Isto só ocorre quando o ego já está integrado e organizado a ponto de existir a raiva e, conseqüentemente, o temor à retaliação. “Quanto mais cedo detectarmos a presença de raiva e medo, poderemos reconhecer também a presença daqueles dois desenvolvimentos do ego antes dos quais não faz sentido falarmos em sentimentos de raiva no indivíduo” (Winnicott, 1950-1955/2000, p. 296).

Na saúde, afirma Winnicott, o ambiente é constantemente descoberto e redescoberto através da motilidade. A partir da potência criativa do movimento o indivíduo está se desenvolvendo no centro e o contato com o ambiente é uma experiência absolutamente particular dele ainda que tudo isso dependa de uma mãe suficientemente boa, sensível e disposta a se adaptar ativamente às necessidades primárias da criança. E,

nessa adaptação, como veremos agora, a sobrevivência desempenha um papel absolutamente fundamental.

4. Círculo benigno, sobrevivência, reparação e concernimento

No início do processo de subjetivação a criança é mesmo impiedosa, pois não dá ainda nenhuma importância às consequências de seu amor instintivo impetuoso. Esse amor é originalmente uma forma de impulso, de gesto, contato ou relacionamento, que proporciona ao bebê a satisfação de poder se expressar, assim como o alívio da tensão instintiva. Além disso, ele também situa o objeto fora do eu, oferecendo ao bebê uma percepção um pouco mais objetiva da realidade, a qual vai se consolidando com o tempo, caso tudo corra bem. Este momento do processo é aquele da pré-piedade, pré-compaixão ou pré-concernimento, quando ainda não há propriamente cuidado ou consideração pelo objeto de amor. A mudança da ausência de consideração para um maior cuidado ocorre gradualmente e sob certas condições específicas de maternagem.

Uma transformação tão complexa no amadurecimento emocional, diz Winnicott, não pode realizar-se sem a ajuda de um ambiente suficientemente bom. Este último é representado pela sobrevivência da mãe, e enquanto o bebê não dispuser de suficiente material mnêmico para existir sem a mãe, não há lugar para o seu desaparecimento.

O bebê abençoado com uma mãe que sobrevive, que reconhece um gesto de doação quando este ocorre, está agora em condições de fazer algo a respeito daquele buraco, o buraco no seio ou no corpo, criado imaginariamente no momento instintivo original. Aqui entram em cena as palavras reparação e restituição. [...] O gesto de doação pode vir a alcançar o buraco se a mãe faz a sua parte (Winnicott, 1954-1955/2000, p. 365).

Com isso, começa a se estabelecer um círculo benigno. A consequência do fortalecimento dia a dia deste círculo é que o bebê vai se tornando cada vez mais capaz de tolerar aquele buraco que é uma das consequências do seu amor instintivo. Aqui está a origem do sentimento de culpa, aliás, da única culpa realmente pessoal e verdadeira, já que, na visão de Winnicott, aquela culpa que é implantada de fora é falsa para o eu. Em termos mais específicos, a culpa verdadeira advém da junção das duas mães, ambiente e objeto, a do amor tranquilo e a do amor excitado, daquela que é objeto de amor e de ódio. Este sentimento virá a compor, na medida em que cresça, uma fonte saudável de atividade nos relacionamentos interpessoais quando do advento da pessoa total. Temos aí, portanto, uma das fontes da potência para a construção social e o desempenho artístico que

Winnicott considera como resultado do desdobramento da destruição criativa e que depende fundamentalmente da sobrevivência do objeto à agressividade inerente à força vital originária. A criança saudável, segundo o nosso autor, não precisa ser ensinada a sentir culpa ou compaixão porque tem uma fonte absolutamente singular e própria destas.

Por um bom tempo a criança precisa de alguém que não seja apenas amado, que se disponha a acolher sua potência, não apenas de destruição, mas também de restituição e reparação. Ou seja, assim como precisa expressar sua agressividade e suas tendências destrutivas, a criança pequena também precisa, de acordo com Winnicott, ter a chance de dar em relação à culpa derivada daquelas experiências instintivas, porque só assim ela poderá crescer de modo emocionalmente saudável.

Se a mãe se comporta de uma maneira significativamente adaptativa, o que tende a ocorrer de modo natural, ela será capaz de proporcionar tempo suficiente para que a criança se concilie com o fato de que o objeto do seu ataque impiedoso é, ele próprio, a mesma pessoa que é responsável pela situação de cuidado total consigo.

Pode-se ver que o lactente tem duas preocupações: uma com o efeito do ataque na mãe, e a outra como resultado em seu próprio eu, conforme haja a predominância de satisfação ou de frustração e raiva. Usei a expressão impulso amoroso primitivo, mas nas obras de Klein a referência é à agressão, que é associada às frustrações que inevitavelmente perturbam a satisfação instintiva à medida que a criança começa a ser afetada pelas exigências da realidade (Winnicott, 1958a/1983, p. 25).

Caso haja um tempo razoável, o lactente certamente será capaz de solucionar os resultados da experiência instintiva. A mãe, sustentando a situação no tempo, precisa estar pronta para receber e compreender se o lactente tem o impulso natural de dar ou de reparar. De acordo com Winnicott, neste momento do processo de subjetivação a criança ainda não é capaz de lidar com uma sucessão de lembranças ou com a ausência prolongada da mãe e precisa que lhe sejam oferecidas oportunidades para fazer reparações e restituições. Gradualmente, à medida que ela descobre que a mãe sobrevive e aceita o seu gesto reparador, a criança torna-se capaz de aceitar a responsabilidade pela fantasia total do impulso instintivo global que era impiedoso previamente. Assim, a crueldade impiedosa cede lugar à piedade e a desconsideração à consideração pelo outro.

Um aspecto fundamental do sentimento de culpa resulta desta tolerância por parte da mãe para com os impulsos destrutivos da criança no amor primitivo. A tolerância dos próprios impulsos destrutivos resulta numa coisa nova, diz Winnicott, que é a capacidade

de desfrutar de ideias, mesmo que destrutivas, assim como das excitações corporais que as acompanham. Esse processo abre amplo espaço para a experiência de consideração/concernimento, que é a base para tudo o que é construtivo na subjetivação. É importante notar que, ao longo deste processo de reparação, a criança está acumulando uma força do eu que possibilita a tolerância da destrutividade pertencente à sua própria natureza. “A oportunidade para contribuir, de um modo ou de outro, ajuda cada um de nós a aceitar a destrutividade que é parte de nós próprios, básica, e pertencente ao amor, que é comer” (Winnicott, 1960/2002, p. 161).

Uma boa relação entre agressividade e potência construtiva depende, portanto, da oportunidade que é oferecida à criança para que ela possa prestar sua contribuição ao ambiente fazendo coisas com prazer e percebendo que isso faz falta e diferença para o outro. Winnicott ressalta que “se a sua contribuição não é valorizada pelo outro a sensação que predomina é a de impotência ou inutilidade, o que pode levar a explosões de agressividade. É fundamental que uma criança possa dar, mais até do que receber” (Winnicott, 1968a/1982, p. 268).

Segundo Winnicott, a fantasia que acompanha os fortes impulsos do id reúne ataque e destrutividade. Isso não significa apenas que o bebê imagine a si próprio devorando o objeto, mas também que ele queira se apossar dos seus conteúdos. Se o objeto não é destruído é por causa de sua própria potência para sobreviver e não por causa de sua proteção pelo bebê. Este se sente ansioso porque se consumir a mãe a perderá, mas esta ansiedade pode ser transformada pelo fato de o bebê ter uma contribuição a fazer à mãe-ambiente. Se tudo corre bem, surge uma confiança crescente de que haverá alguma oportunidade para contribuir, sentimento que torna o lactente capaz de tolerar a ansiedade. Tolerada deste modo, ela acabará se transformando em culpa.

Os impulsos instintivos levam ao uso impiedoso dos objetos, e daí a uma culpa que é retida e aplacada pela contribuição à mãe que o lactente pode fazer. Além disso, a oportunidade para se doar e reparar danos que é oferecida pela mãe-ambiente, com sua presença consistente, capacita o bebê a se tornar cada vez mais audacioso na experimentação com seus próprios impulsos instintivos. Dito de outro modo, a oportunidade de reparação libera a sua vida instintiva. Assim, a culpa não é propriamente sentida, mas permanece como que adormecida, ou em potencial, e aparece (como tristeza ou ânimo deprimido) somente se não for oferecida a oportunidade de reparação.

Quando a confiança neste ciclo benigno e na expectativa da oportunidade se estabelece,

o sentimento de culpa relacionado com os impulsos do id sofre nova modificação; precisamos então de um termo mais positivo, tal como *preocupação* (consideração, concernimento, cuidado). O lactente está agora se tornando capaz de ficar preocupado, de assumir responsabilidade por seus próprios impulsos instintivos e as funções que dele fazem parte (Winnicott, 1963a/1983, p. 73).

Isto provê um dos elementos construtivos fundamentais da brincadeira e do trabalho. Entretanto, ao longo do processo de amadurecimento emocional, foi a oportunidade de contribuir, dada a sobrevivência da mãe, que possibilitou ao concernimento se situar dentro das capacidades da criança.

Nestas condições, o bebê estará apto a perceber o mundo objetivamente porque experienciou o objeto que sobreviveu à sua destrutividade (agressividade primária). O que significa que o objeto permanece sendo, de certa forma, o mesmo, uma vez que não promoveu qualquer retaliação por rejeição ou punição. A mãe que não for suficientemente boa nestes termos e que não puder responder aos sinais espontâneos emitidos pelo bebê não conseguirá sobreviver e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento emocional de seu bebê. “Uma consequência disso é que o bebê corre o perigo de desenvolver uma complacência, um falso self, ou coisa muito pior” (Abram, 1996/2000, p. 20). Mas, se o objeto sobrevive à destruição, o padrão de desenvolvimento da agressividade pessoal da criança prossegue e, um pouco mais tarde, servirá de pano de fundo para uma contínua fantasia de destruição ou provocação. A partir daqui, segundo Winnicott, o objeto subjetivo é permanentemente destruído, na fantasia.

O amor, no sentido específico deste contexto, só surge após a destruição na fantasia inconsciente. Como vimos, Winnicott fala de amor primitivo referindo-se aos estados excitados do bebê, carregados de tensão instintual. Mas outra coisa, completamente distinta, é o amor pelo objeto que sobrevive à destruição. De acordo com Elsa Dias, “trata-se agora do sentimento de um eu, dirigido a um outro, experimentado como pessoa inteira e separada. Nestas condições, fica evidenciado que tanto a realidade objetiva quanto o amor dependem de haver sempre destruição” (Dias, 2011, p. 109). Esta destruição, que aqui chamamos de criativa, torna-se o pano de fundo inconsciente para um amor de objeto real, isto é, para percepção objetiva de um objeto situado fora da área do controle onipotente do sujeito.

É apenas neste contexto do concernimento que aparece a agressividade propriamente dita, integrada como parte da personalidade, de caráter instintual e relativa à destrutividade inerente à natureza humana. Essa destrutividade é aquela mesma da impulsividade instintual do amor primitivo, só que até então o bebê não tinha qualquer consideração ou cuidado com nada, não sabendo de si mesmo nem do mundo. Agora, tendo alcançado a dimensão de um eu unitário, separado do não-eu, ele começa a integrar a instintualidade e a destrutividade que lhe são inerentes como parte do eu. Assim, passa também a sentir-se concernido e responsável pelos resultados de seu amor excitado tanto na mãe como em si mesmo. Tal processo, como mostra Dias, não é apenas complexo, como também doloroso.

É quase intolerável para os seres humanos em geral assumir plenamente a responsabilidade pela destrutividade que é pessoal e inerente a uma relação com um objeto sentido como bom; em outras palavras, que está relacionada ao amor. Essa conquista só será possível por meio de um desenvolvimento gradual associado às experiências de reparação e restituição (Dias, 2011, p. 112-13).

Para que essa conquista se estabeleça como capacidade integrada à personalidade, a criança precisa suportar a culpa por algum tempo, o que só é possível mediante o auxílio luxuoso de uma mãe potente e viva, a qual sobrevive e permanece sustentando a situação durante o tempo necessário. Mediante o ataque voraz, a mãe permanece lá, disponível, até o gesto reparador. Esta sequência, em que o bebê morde e assopra, precisa se repetir muitas vezes até que, gradualmente, o lactente passe a acreditar no esforço construtivo, suportando a culpa e, assim, tornando-se livre para o amor instintivo. Conforme vimos, isso é o que Winnicott chama de círculo benigno. Se ele se estabelece de forma saudável, a criança torna-se capaz de descobrir e manter contato com a sua destrutividade e seu ímpeto pessoal de dar, construir e reparar. Caso contrário, a vida instintiva será inibida e reaparecerá a dissociação entre os estados tranquilos e excitados. Com isso, o descanso torna-se impossível e fica perdida a capacidade de brincar.

5. Destruição criativa, externalidade e sobrevivência no contexto do uso do objeto

Para além do relacionamento com os objetos que ocorre nos momentos mais primitivos da subjetivação, Winnicott, ao final de sua obra, formulou a ideia de um uso do objeto que difere daquela relação inicial. Entre o relacionar-se e o uso, diz ele, temos algo de extrema importância que é a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da sua área de controle onipotente, ou seja, a percepção daquele objeto como um elemento externo,

e não mais como um fenômeno predominantemente subjetivo. No entanto, uma vez mais, a sobrevivência do objeto neste contexto é absolutamente imprescindível. Como lembra Winnicott,

É importante notar que não se trata apenas de o sujeito destruir o objeto porque este está situado fora da área de controle onipotente. É igualmente importante enunciar isso ao contrário e dizer que é a destruição do objeto que o situa fora da área de controle onipotente do sujeito. Destas maneiras o objeto desenvolve sua própria autonomia e vida, e (se sobrevive) contribui para o sujeito, de acordo com suas próprias propriedades. [...] Por causa da sobrevivência do objeto o sujeito pode agora começar a viver uma vida no mundo dos objetos e tem assim a ganhar de maneira imensurável (Winnicott, 1968b/1994, p. 174).

Trata-se, no caso, de objetos afetivamente investidos, que estão, neste momento do amadurecimento emocional, em processo de destruição por serem reais ao mesmo tempo em que se tornam reais por serem destruídos.

O que Winnicott está considerando com essa proposição a respeito do uso é a necessidade de aceitar que o primeiro impulso na relação do sujeito com o objeto (objetivamente percebido, e não subjetivo) seria destrutivo e não apenas descuidado, como o considerava até então, ainda que a destrutividade não exclua o descuido. A questão aqui é que, enquanto o sujeito não destrói o objeto subjetivo (aquilo que Winnicott chamou em outras ocasiões de feixe de projeções), a destruição aparece e se torna um aspecto central para que o objeto seja objetivamente percebido, ganhe autonomia e passe a fazer parte da realidade compartilhada. “A minha tese”, diz o autor, “é que a destruição desempenha o seu papel na construção da realidade, situando o objeto fora do self. Para que isto aconteça, são necessárias condições favoráveis” (Winnicott, 1968b/1994, p.175). Trata-se de uma dimensão crucial no processo de destruição criativa que estamos nos propondo a destacar. Pois, na verdade, o sujeito está criando o objeto, no sentido de encontrar a própria externalidade, experiência que depende basicamente da capacidade de sobrevivência sem retaliação por parte do objeto. Se tudo corre bem neste contexto, a oferta de oportunidades para a reparação poderá ser apresentada na sequência, consolidando um movimento construtivo/criativo, que já existia virtualmente como potencial implícito na própria sobrevivência do objeto.

Com essa noção de uso do objeto também é possível notar a absoluta singularidade da compreensão winnicottiana sobre a agressividade, que aqui estamos tentando realçar, quando consideramos a emergência da externalidade para o psiquismo do bebê. Se, na teoria freudiana clássica, como vimos, a agressividade caracteriza a reação do bebê ao

encontro com a realidade objetiva, aí incluída a frustração que ela lhe impõe, gerando nele, só então, raiva e desejo de agredir, a perspectiva winnicottiana é completamente distinta. Para o bebê, a transformação do objeto subjetivo (criado por ele e manipulável à vontade) em objeto objetivo remete a uma externalidade não manipulável o que implica a destruição imaginária do objeto subjetivo. Como ressaltou Plastino, “sua sobrevivência objetiva transforma-o em objeto objetivo, levando assim o bebê a aceitar, pelo amor que sente ao objeto sobrevivente, a realidade objetiva, a alteridade e a externalidade” (Plastino, 2014, p. 91).

É, portanto, a destruição do objeto subjetivo promovida pelo bebê que coloca aquele objeto fora do eu, desde que, é claro, nesse processo intervenha um ambiente facilitador. “Na teoria ortodoxa encontra-se sempre o pressuposto de que a agressão é reativa ao encontro com o princípio da realidade, enquanto que aqui é a pulsão destrutiva que cria a qualidade de externalidade. Isto é central à estrutura dos meus argumentos” (Winnicott, 1968b/1994, p. 176). Assim, fica bem claro o valor positivo da destrutividade em sua dimensão criativa: destruído o objeto subjetivo cria-se a possibilidade do uso do objeto agora percebido objetivamente.

Já o que seria uma destruição real pertence justamente ao fracasso do objeto em sobreviver, pois, se ele não fracassar, a destruição permanecerá apenas como potencial. A palavra *destruição*, neste contexto, não remete especificamente ao impulso destrutivo do bebê, mas ao risco de o objeto não sobreviver, o que significa possíveis mudanças em sua qualidade ou atitude.

De acordo com Dias, a questão da agressividade no pensamento de Winnicott sempre esteve ligada à constituição da realidade externa. No fim dos anos sessenta o que ele fez foi configurar um tipo de destrutividade, não instintual e sem raiva (*no anger*), ainda dentro dos estágios iniciais, que envolve não uma destruição efetiva, como vimos, mas uma destruição potencial, que ocorre basicamente na fantasia.

Há um momento do amadurecimento normal em que o bebê destrói o objeto, que, nessa ocasião, é subjetivo, não para se livrar de algo mau dentro dele (ainda não há dentro e a questão não é bom ou mau), mas para, expulsando o objeto para fora do seu controle onipotente e experienciando a sobrevivência dele, poder reconhecê-lo como uma coisa em si, externa e separada do seu eu, como algo que vive por sua própria conta. [...] É desse modo que o bebê cria a externalidade do mundo como um novo e necessário sentido do real e pode, a partir de então, usar objetos (Dias, 2011a, p. 108).

Temos aqui reafirmada uma sequência fundamental no processo de subjetivação da criança: destruição, sobrevivência, criação.

O ataque raivoso relativo ao encontro com o princípio de realidade, segundo Winnicott, é algo mais sofisticado e posterior a essa destrutividade primitiva. Não há raiva na destruição do objeto dessa agressividade primária, embora se possa dizer que haja alegria com a sua sobrevivência.

A partir deste momento, ou originando-se desta fase, o objeto *na fantasia* está sempre sendo destruído. Esta qualidade de *sempre sendo destruído* torna a realidade do objeto sobrevivente sentida como tal, fortalece o tom do sentimento e contribui para a constância objetal. O objeto agora pode ser usado (Winnicott, 1968b/1994, p. 177).

Esta destruição contínua torna-se o pano de fundo inconsciente para o amor de um objeto real situado fora da área de onipotência. Este aspecto envolve, mais uma vez, um enunciado do valor positivo da destrutividade. Esta, em conjunto com a sobrevivência por parte do objeto, o situa fora da área de projeções subjetivas. Assim, é criado um mundo de realidade que pode ser partilhada e usada pela criança, a qual também pode retroalimentar o que Winnicott chama de substância diferente-de-mim no sujeito.

A destrutividade, portanto, pertence ao relacionar-se com objetos que estão fora do mundo subjetivo ou da área de onipotência. “Em outras palavras, primeiro existe a criatividade que pertence ao estar vivo, e o mundo é apenas um mundo subjetivo. Depois vem o mundo objetivamente percebido e a destruição absoluta dele e de todos os seus detalhes” (Winnicott, 1963b/1994, p. 179). Esta destruição, que se encontra na base da relação com os objetos, na saúde canaliza-se para a destruição que se dáno inconsciente, na realidade psíquica interna do indivíduo, em sua vida onírica e suas atividades lúdicas e na expressão criativa.

Esta destruição não precisa de controle; o que se necessita aqui é a provisão de condições que permitam o crescimento emocional do indivíduo, contínuo desde a primeiríssima infância até a ocasião em que as complexidades da fantasia e do deslocamento se tornam acessíveis ao indivíduo em sua busca de uma solução pessoal (Winnicott, 1965/1994, p. 180).

Neste momento primeiro e vitalmente importante, a qualidade *destrutiva* do indivíduo é simplesmente um sintoma de estar vivo e, como vimos, nada tem que ver com raiva ou possíveis frustrações inerentes ao encontro com o princípio de realidade. “Esta premência destrutiva muito inicial, portanto, tem uma função positiva vital (quando, pela

sobrevivência do objeto, ela funciona), a saber, a objetivização do objeto” (Winnicott, 1968c/1994, p. 186).

Um dos pontos cruciais do argumento sustentado por Winnicott é que a primeira pulsão é, ela própria, uma unidade, que ele chamou de destruição, mas que poderia ter chamado de pulsão combinada amor-conflito. Esta unidade primária é o que, segundo ele, surge no bebê pelo processo maturacional natural, e seu destino não pode ser enunciado sem referência ao meio ambiente.

A pulsão é *potencialmente* destrutiva, mas ser ela destrutiva ou não depende de como é o objeto; o objeto *sobrevive*, isto é, mantém o seu caráter, ou *reage*? No primeiro caso, então, não há destruição, ou não muita, pelo menos, e há um momento seguinte em que o bebê pode tornar-se e gradualmente se torna cômico de um objeto psicoenergizado, mais a *fantasia* de ter destruído, machucado, danificado ou provocado o objeto. O bebê, neste extremo de provisão ambiental, continua em um padrão de desenvolvimento da agressividade pessoal que proporciona o pano de fundo de uma fantasia contínua (inconsciente) de destruição. Aqui podemos utilizar o conceito de reparação kleiniano, que vincula o brinquedo e o trabalho construtivos com este *pano de fundo de fantasia* (inconsciente) de destruição ou provocação (talvez a palavra certa ainda não tenha sido encontrada). Mas a destruição de um objeto que sobrevive, que não reagiu nem desapareceu, conduz ao uso (Winnicott, 1969a/1994, p. 190, grifado no original).

Se a mãe sobreviver, o bebê também encontrará um novo significado para a palavra amor, e uma coisa nova surgirá em sua vida: a fantasia. “É como se o bebê agora pudesse dizer para a sua mãe: ‘Eu a amo por ter sobrevivido à minha tentativa de destruí-la. Em meus sonhos e em minha fantasia eu a destruo sempre que penso em você, pois a amo’” (Winnicott, 1969b/2002, p. 26). Isto que objetifica a mãe e a torna útil, colocando-a num mundo que não é parte do bebê. A base do desenvolvimento saudável dos seres humanos, reafirma Winnicott, é a sobrevivência do objeto que foi atacado. No caso da mãe que alimenta um bebê, não se trata simplesmente da sua sobrevivência como uma pessoa viva, mas também como alguém que não se transformou, no momento crítico, em uma pessoa vingativa, nem partiu para retaliações.

Como mostrou Thomas Ogden, o processo de reconhecimento da mãe como uma pessoa por quem a criança sente preocupação (e que o bebê pode usar devido ao reconhecimento da sua ancoragem no mundo fora dele mesmo), implica uma destruição da mãe pelo bebê em que, paradoxalmente, a mãe sobrevive.

Minha compreensão dessa noção paradoxal – que espero não ser uma resolução do paradoxo da destruição criativa da mãe – é que o bebê abre espaço para a

possibilidade da mãe como sujeito, uma *pessoa* diferente-de-mim, destruindo um aspecto dele mesmo (sua própria onipotência projetada no objeto interno mãe onipotente) (Ogden, 1996, p. 52).

Enquanto o bebê se agarra à sua onipotência defensiva sob a forma de relação com o objeto interno mãe-onipotente, a mãe, como sujeito e como objeto externo, é eclipsada pelas projeções do bebê, de seu self e de seus objetos internos onipotentes. A destruição na fantasia do objeto (interno) mãe é como um reflexo da renúncia do bebê às defesas onipotentes, sob a forma de dependência do objeto-interno mãe-onipotente. Ao destruir continuamente (na fantasia) o objeto-interno-mãe, o bebê torna-se capaz de descobrir o objeto-externo-mãe (tanto como objeto quanto como sujeito), se a mãe for capaz de sobreviver à destruição dela que o bebê opera na fantasia (e o tratamento cruel que dispensa a ela), permanecendo emocionalmente presente o tempo todo. Nesse processo criativamente destrutivo, o eu-como-sujeito e a mãe-como-sujeito ganham vida simultaneamente um em relação ao outro.

A sobrevivência de alguma coisa a torna valiosa, diz Winnicott. Nos primórdios do processo de subjetivação a sobrevivência da mãe capacita as pessoas a perceberem que a vontade de destruir do bebê nada tem que ver com raiva, mas com um amor primitivo. Esta destruição, continua o autor,

ocorre na fantasia inconsciente, ou no sonho pessoal que corresponde ao dormir. A coisa fica destruída apenas na realidade psíquica interna pessoal. Na vida deserta, a sobrevivência do objeto, seja lá qual for, traz um sentido de alívio e um novo senso de confiança. Agora fica claro que *é devido a propriedades que são suas* que as coisas podem sobreviver, apesar de nosso sonho, apesar do pano de fundo de destruição em nossa fantasia inconsciente. O mundo começa a existir agora por si próprio: um lugar onde viver, não um lugar para recear ou ao qual sempre devemos obedecer ou no qual ficamos perdidos; e também não um lugar onde lidamos apenas com os sonhos ou com a indulgência da fantasia (Winnicott, 1970/1999, p. 277).

Jan Abram chega a arriscar a hipótese de que esta ênfase de Winnicott na sobrevivência do objeto constituiria um conceito clínico de agressão enraizado na metodologia psicanalítica que deveria ser contrastado com o conceito especulativo de instinto de morte, tal como formulado por Freud, com suas raízes biológicas.

Embora Winnicott tenha observado este fato e escrito sobre ele de 1937 a 1968, foi apenas com a conceituação do *uso do objeto* que ele pôde claramente afirmar que a sobrevivência do objeto é uma nova característica na sua formulação. Em outras palavras, a capacidade de pensar simbolicamente e alcançar a uma posição na qual o outro é percebido como verdadeiramente separado, e não apenas um *feixe de projeções*, seria, segundo a autora, inteiramente contingente com a

sobrevivência do objeto desde o princípio quando o bebê ainda não é capaz de diferenciar entre eu e não-eu (Abram, 2013, p. 316-317).

A capacidade consistente da mãe para tolerar as demandas infindáveis do bebê, graças ao seu estado de preocupação materna primária, é o que oferece a ele um sentido de continuidade e confiabilidade. A sobrevivência, diz Abram, envolve identificação primária, espelhamento, proteção do ego e, crucialmente, não-retaliação. A miríade de aspectos da sobrevivência da mãe suficientemente boa capacita o bebê a se mover da apercepção para a percepção no espaço potencial entre relacionar-se com objetos subjetivos até perceber objetos objetivamente percebidos. Esta fase na vida do bebê o leva da dependência absoluta para a dependência relativa.

A agressão primária do bebê, isto é, o impulso instintual benigno – força o objeto a adaptar-se (ou não) às suas necessidades instintuais. De acordo com Abram,

O momento crucial na sequência de Winnicott da relação com o objeto para o uso do objeto é que o objeto está lá para *receber a comunicação* – isto é, o objeto está apto a *receber* a destruição amorosa do sujeito. É essa *recepção* (que inevitavelmente inclui *reflexão*) que constitui a *sobrevivência* do objeto. Por causa da habilidade do objeto para receber, e, portanto, sobreviver, o sujeito irá experimentar que o objeto sobreviveu ao seu amor impiedoso, porque ela – o objeto – continua a receber e refletir; responder e se adaptar. Esta é a experiência essencial de mutualidade que irá conduzir ao estabelecimento de um ambiente de apoio ao ego internalizado sem o qual o sujeito não consegue distinguir entre as suas projeções e a integridade da mãe/outro (Abram, 2013, p. 321, grifado no original).

Na passagem da relação subjetiva para a percepção objetiva do objeto encontra-se o arriscado movimento de expulsar o objeto (subjetivo) para fora do âmbito de onipotência, conferindo a ele, criativamente, em caso de sobrevivência, o caráter de externo. O objeto que está, nesse momento, em vias de ser expulso, é o objeto subjetivo. Esta operação de expulsão, como vimos, é chamada por Winnicott de destruição do objeto. Segundo Dias,

o termo destruição é necessário por duas razões. Primeiro, devido ao impulso real do bebê de destruir (sem raiva), que em geral é efetivado por ocasião da relação excitada como objeto ainda subjetivo, mas, sobretudo, devido à possibilidade de o ambiente (mãe) não sobreviver à destruição. Se o ambiente sobreviver, a destruição transforma-se, para o bebê, *na experiência da possibilidade de destruir (agredir)*, ou seja, na integração da destrutividade como um aspecto de sua potência, o objeto sendo agora visto como seguro para ser usado excitadamente (Dias, 2011b, p. 132, grifado no original).

Se o objeto continuar lá, o mundo externo terá início e permanecerá. Se, ao contrário, o ambiente não sobrevive, caso ele seja realmente destruído (quando o objeto sucumbe e retalia), o bebê perde a sua sustentação e o seu impulso de uso excitado torna-se perigoso. Nestas condições, a nova fase de relacionamento objetal não tem início e a criança terá que permanecer em um mundo puramente imaginativo, constituído apenas como um feixe de projeções, sem o enriquecimento proveniente de uma experiência criativa no contato com a realidade externa.

6. Considerações finais

Conforme vimos ao longo deste trabalho, Winnicott considera o impulso vital como algo poderoso, fazendo de sua força instintiva, desde o início da vida, uma dimensão fundamental do desenvolvimento emocional humano. O amor primitivo constitui sua expressão inicial, manifestando-se em uma série de comportamentos dos quais a destrutividade faz parte. Ele é expressão da força vital e se desdobra na agressividade e na motilidade, esta compreendida como movimento de correr atrás das coisas, de mexer com o mundo. Assim sendo, a força vital é parte da natureza humana e o é durante toda a vida, o que faz com que Winnicott a considere como parte muito importante da criatividade. As fantasias de criação e destruição compõem esse processo. Durante o período do não concernimento, ela não é acompanhada de ódio, que Winnicott considera um sentimento muito complexo para ser vivenciado por um bebê ainda não integrado. O ódio surge após o advento do concernimento, mas o faz em um cenário também complexo, no qual despontam o sentimento de culpa e o desejo de reparação. Doravante o bebê deverá lidar com sua ambivalência afetiva e terá que fazê-lo durante toda a sua vida. Mas, em presença de um ambiente favorecedor, essa ambivalência poderá ser administrada no contexto da inserção social do sujeito, de sua vivência de contribuição com os outros e do desenvolvimento de sua capacidade de empatia. Sentindo-se preocupado pelas consequências de seus comportamentos com relação aos outros, o bebê desenvolve uma dinâmica erótica que passa a ocupar o lugar central no seu processo de individuação.

Para Winnicott, são as experiências construtivas que capacitam o indivíduo a experimentar a sua destrutividade. É através da reparação que a pessoa constrói uma força pessoal que possibilita a tolerância para com a destrutividade pertencente a sua natureza. Se interrompermos ou impedirmos a reparação, a pessoa torna-se incapaz de assumir a

responsabilidade por seus impulsos destrutivos e o resultado clínico será a depressão ou então uma busca de alívio através da descoberta da destrutividade em outro lugar, via mecanismo de projeção. Não se trata, como querem alguns intérpretes de Winnicott, de negar ou negligenciar a destrutividade; ao contrário. Contudo, ele entende que, para que o indivíduo se relacione de forma saudável com a sua destrutividade, ele precisa antes, como uma plataforma, da oportunidade para a atividade criativa, para o jogo imaginativo, o trabalho construtivo etc.

Ressaltando o viés positivo da destrutividade inerente à natureza humana, como um fenômeno vital básico para o homem se sentir real no mundo, Winnicott destacou-se no campo psicanalítico como um dos teóricos que, ao mostrar a primazia da vida sobre a morte, trouxe para a psicanálise um ponto de vista crítico radical em relação a ortodoxia freudiana. Afirmar a potência da agressividade como um fenômeno singular no âmbito da existência humana, tal como ele o fez, contribuiu para que se possa ver nela um elemento fundamental que trabalha de forma decisiva para o sentimento de que a vida vale à pena. Isto, evidentemente, caso haja um ambiente facilitador capaz de acolhê-la de modo a desdobrar o seu viés criativo.

Submetido em: 22/10/2021

Aprovado em: 11/01/2022

Referências

Abram, J. (1996). *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

Abram, J. (2013). DWW's notes for the Vienna Congress 1971. In J. Abram (org.), *Donald Winnicott today*. London: Routledge.

Dias, E. O. (2011a). Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. In E. Oliveira Dias, *Sobre a confiabilidade e outros estudos* (pp. 89-124). São Paulo: DWW Editorial.

Dias, E. O. (2011b). Winnicott em Nova Iorque: um exemplo da incomunicabilidade entre paradigmas. In E. Oliveira Dias, *Sobre a confiabilidade e outros estudos* (pp. 125-150). São Paulo: DWW Editorial.

Ogden, T. (1994). O sujeito intersubjetivo de Winnicott. In T. Ogden, *Os sujeitos da psicanálise* (pp. 46-55). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Plastino, C. A. (2014). *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond.

- Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1947). O ódio na contratransferência. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 277-287). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1950-1955). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 288-304). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1954-1955). A posição depressiva no desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 355-373). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1958a). Psicanálise do sentimento de culpa. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 19-30). Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- Winnicott, D. W. (1958b). O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 3-20). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Winnicott, D. W. (1960). Agressão, culpa e reparação. In D. W. Winnicott, *Privação e delinquência* (pp. 153-162). São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- Winnicott, D. W. (1963a). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 70-78). Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- Winnicott, D. W. (1963b). Um sonho de D.W.W. relacionado a uma resenha de um livro de Jung. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 178-179). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1965). Notas escritas no trem, parte II. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (p. 180). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1968a). As raízes da agressividade. In D. W. Winnicott, *A criança e seu mundo* (pp. 262-270). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- Winnicott, D. W. (1968b). O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 171-177). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1968c). Comentários sobre o meu artigo “O uso de um objeto”. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 185-186). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1969a). *O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo*. In D. W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 187-191). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Winnicott, D. W. (1969b). A amamentação como forma de comunicação. In D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp. 19-28). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Winnicott, D. W. (1970). O lugar da monarquia. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 273-282). São Paulo: Martins Fontes, 1999.